

O USO DE METILFENIDATO POR ESTUDANTES DE MEDICINA: MELHORA DO DESEMPENHO OU RISCO À SAÚDE?

FELIPE DE MELO CRUZ¹; BRENDA PERÍGOLO²; GIOVANNA CHRISTINE DE SOUZA OLIVEIRA³; JULIA MEIRA FERRAZ⁴; MARINA DIAS BICALHO⁵; CAROLINE LACERDA ALVES DE OLIVEIRA⁶

¹Graduando em Medicina pela UNIFACIG. E-mail: 2310228@sempre.unifacig.edu.br

²Graduanda em Medicina pela UNIFACIG. E-mail: 2310227@sempre.unifacig.edu.br

³Graduanda em Medicina pela UNIFACIG. E-mail: 2310307@sempre.unifacig.edu.br

⁴Graduanda em Medicina pela UNIFACIG. E-mail: 2310195@sempre.unifacig.edu.br

⁵Graduanda em Medicina pela UNIFACIG. E-mail: 2310235@sempre.unifacig.edu.br

⁶Mestre pela UNISUAM, Docente UNIFACIG. E-mail: caroline.lacerda@sempre.unifacig.edu.br

RESUMO

O metilfenidato (MPH) é um psicoestimulante utilizado no tratamento do TDAH, mas seu uso por estudantes de medicina hígidos visando melhorar seu desempenho cognitivo tem se tornado comum. Diante disso, é essencial avaliar os possíveis benefícios e riscos associados a essa prática. Analisar o impacto do uso de MPH por estudantes de medicina, avaliando eficácia, efeitos colaterais e implicações éticas. Trata-se de uma revisão integrativa com base em artigos publicados entre 2021 e 2024 nas bases PubMed, SciELO e BVS em inglês, português e espanhol, sendo utilizados os descritores “Metilfenidato”, “Preparações Farmacêuticas” e “Estudantes de Medicina”. Ao todo, foram encontrados 24 artigos, mas apenas 6 foram selecionados. A utilização de MPH sem prescrição entre estudantes universitários é elevada e os supostos benefícios cognitivos não justificam o risco dos potenciais efeitos adversos, visto que em muitos casos, o desempenho foi inferior ao dos estudantes que não utilizaram o fármaco. Além disso, destaca-se a necessidade de intervenções institucionais promovendo o cuidado à saúde mental e a conscientização sobre os riscos do uso indiscriminado de MPH. O uso não prescrito de MPH entre universitários é uma prática preocupante e recorrente, sendo motivada por cobrança intensa, pressão social e exaustão emocional e elucidando falhas estruturais na atenção à saúde mental no meio acadêmico.

Palavras-chave: Estudantes de Medicina; Metilfenidato; Preparações Farmacêuticas; Psicoestimulantes.

METHYLPHENIDATE USE BY MEDICAL STUDENTS: PERFORMANCE ENHANCEMENT OR HEALTH RISK?

ABSTRACT

Methylphenidate (MPH) is a psychostimulant used in the treatment of ADHD; however, its use by healthy medical students aiming to enhance cognitive performance has become increasingly common. In this context, it is essential to evaluate the potential benefits and risks associated with this practice. Analyze the impact of MPH use among medical students, assessing its effectiveness, side effects, and ethical implications. This is an integrative review based on articles published between 2021 and 2024 in the PubMed, SciELO, and BVS databases, in Portuguese, English, and Spanish, using the descriptors “Methylphenidate,” “Pharmaceutical Preparations,” and “Medical Students.” Of the 24 articles identified, only 6 were selected. The non-prescribed use of MPH among university students is high, and the alleged cognitive benefits do not outweigh the potential adverse effects, especially since in many cases, academic performance was lower than that of non-users. Moreover, the findings highlight the need for institutional interventions to promote mental health care and raise awareness about the risks of indiscriminate MPH use. The non-medical use of MPH is a concerning and recurrent practice, driven by academic pressure, social expectations, and emotional exhaustion, revealing structural failures in the support for students' mental health in academic settings.

Keywords: Medical Students; Methylphenidate; Pharmaceutical Preparations; Psychostimulants.

1 INTRODUÇÃO

O metilfenidato é um psicoestimulante amplamente utilizado no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Contudo, seu uso tem se expandido entre estudantes universitários, especialmente daqueles vinculados a cursos da área da saúde – com destaque para a medicina –, com o intuito de aprimorar o desempenho cognitivo e acadêmico. Esse fenômeno é impulsionado por fatores como jornadas extensas de estudo, elevadas exigências de produtividade, altos níveis de estresse e a realização frequente de avaliações. Tal contexto levanta preocupações significativas acerca dos efeitos adversos e dos riscos associados ao uso não prescrito desse medicamento, além de implicações éticas relevantes (MOREIRA *et al.*, 2024; OLIVEIRA *et al.*, 2023; AMARAL *et al.*, 2022; ONAL *et al.*, 2024; NASÁRIO *et al.*, 2022).

Nesse cenário, torna-se essencial compreender o impacto dessa prática na formação médica, uma vez que o uso indiscriminado de substâncias como o metilfenidato pode comprometer não apenas a saúde dos estudantes, mas também influenciar negativamente suas futuras condutas profissionais (MOREIRA *et al.*, 2024; ONAL *et al.*, 2024). A banalização do consumo de psicoestimulantes, associada à pressão por alto desempenho acadêmico, evidencia uma lacuna no suporte institucional à saúde mental discente. OLIVEIRA *et al.* (2023) ressaltam a ausência de acompanhamento médico na maioria dos casos, bem como a associação com outras substâncias de risco. Além disso, AMARAL *et al.* (2022) observam que o conhecimento técnico e fisiológico sobre o fármaco não tem sido suficiente para evitar a automedicação, indicando a necessidade de estratégias educativas e institucionais mais eficazes.

Dessa forma, o presente artigo de revisão integrativa tem como objetivo analisar os efeitos do uso não prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina, com ênfase nas motivações, padrões de uso, formas de acesso e efeitos percebidos. A partir da análise de dados epidemiológicos e sociais, busca-se compreender as implicações dessa prática para a saúde física e mental dos estudantes, bem como suas repercussões éticas, profissionais e sociais. Espera-se, com isso, contribuir para a formação crítica de acadêmicos e profissionais da medicina, além de influenciar ações de prevenção e intervenção frente a um problema que afeta milhares de estudantes no Brasil.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa integrativa. É uma revisão específica que inclui estudos experimentais e não experimentais, permitindo a identificação de certas lacunas que podem ser preenchidas por novos estudos científicos na área. Além disso, trata-se de um artigo

explicativo, pois examina os fatores que determinam ou influenciam a ocorrência de um fenômeno na sociedade. O estudo está classificado como uma revisão integrativa. De acordo com Souza *et al.*, (2010), a revisão “é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado”.

A primeira etapa de procura dos artigos foi realizada no período de Março de 2025, nas seguintes bases de dados: *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, *BVS (Biblioteca Virtual de Saúde)*, *PubMed (National Library of Medicine)* - bases de pesquisas escolhidas por conter textos científicos que abrangem o tema proposto. Para a busca dos artigos foram utilizados os seguintes descritores DeCS/MeSH: “*Methylphenidate*” e “*Pharmaceutical Preparations*” e “*Medical Students*” no idioma português, inglês e espanhol pois abarca a literatura nacional e internacional. As bases foram escolhidas de 2021 a 2024, abrangendo os últimos 3 anos em que esse problema tem sido estudado na atualidade.

2.1 Pergunta de Pesquisa (PICO)

- População (P): Estudantes universitários do curso de medicina
- Intervenção (I): Uso de Metilfenidato
- Comparação (C): Alunos que utilizam psicoestimulantes para aprimoramento do desempenho acadêmico e alunos que não utilizam
- Desfecho (O): Os risco a saúde do consumo de metilfenidato sem a prescrição adequada

Pergunta PICO: “Qual é o impacto do uso não prescrito de metilfenidato no desempenho acadêmico de estudantes de medicina?”

Para a coleta e análise de dados na segunda etapa, 3 revisores realizaram o levantamento independentemente por título/resumo nas bases de dados. No site do *Scielo*, *BVS* e *PubMed* encontram-se 24 artigos que foram publicados nos últimos 5 anos e nos idiomas português, espanhol e inglês, após uma revisão para filtrar os títulos dos achados, foram escolhidos 16 artigos que se relacionam ao tema. Depois, foram analisadas as palavras-chaves de cada um, gerando a seleção de 11 artigos com o foco nos descritores propostos pelos autores, e houve uma verificação dos resumos de forma minuciosa em cada artigo, somente 8 se enquadraram nos critérios para agregarem na revisão.

Já na etapa final, 6 revisores avaliaram os textos completos de forma independente, assim os artigos foram lidos na íntegra para selecionar aqueles que abordavam de forma mais relevante a temática central e de forma coerente, resultando na escolha de apenas 6 artigos.

2.2 Critérios de Inclusão e Exclusão

2.2.1 Critérios de Inclusão

- Tempo e Idioma: somente artigos no idioma português brasileiro, inglês e espanhol com o tempo determinado
- Títulos: artigos que tenham um tema relevante com a proposição a temática central
- Palavras-chaves: apenas artigos com descritores relacionados ao tema proposto,
- Resumos: sobre o uso de metilfenidato por estudantes de medicina e os seus impactos na saúde, se houve prejuízos ou não e quais as consequências de seu abuso.

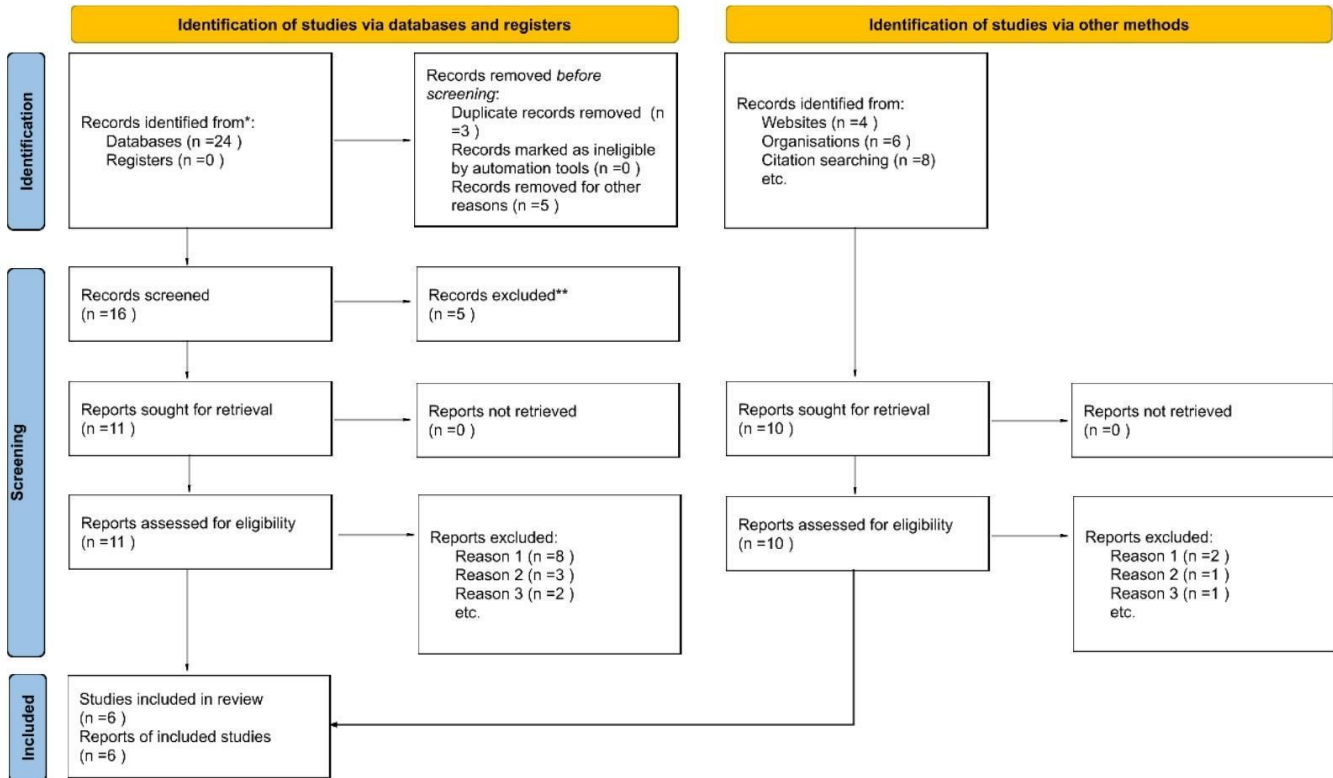
2.2.2 Critérios de Exclusão

- Estudos duplicados
- Artigos que não estão no recorte temporal estipulado
- Revisão de literatura
- Estudos que não abordam o uso de psicoestimulantes por estudantes de medicina

A inspeção dos estudos selecionados em relação ao delineamento de pesquisa, pautou-se em José Eulálio Cabral Filho (2002), sendo que tanto a análise quanto a síntese dos dados extraídos dos artigos foram realizadas de formas descritiva, possibilitando observar e descrever dados, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado na revisão.

Figura 1 – Fluxograma PRISMA

PRISMA 2020 flow diagram for new integrative reviews which included searches of databases, registers and other sources



Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

3 RESULTADOS

Após a análise dos artigos e a seleção com base nos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, foram escolhidos 6 artigos focados no tema principal da pesquisa. O quadro a seguir apresenta um resumo com o ano, autores, título, metodologia, objetivo e conclusão das principais referências selecionadas.

Figura 2 - Resultados

ANO	AUTORES	TÍTULO	METODOLOGIA	OBJETIVO	CONCLUSÃO
2021	Rudinei Carlos Mezacasa Júnior, Kevin Francisco Durigon Meneghini, Lauro Miranda Demenech, Henri Luiz Morgan, Arthur Franzen Petry, Samuel Carvalho Dumith	Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: resultados de um estudo de painel	Foi realizado um estudo de painel com amostra de estudantes do primeiro ao quarto ano do curso de medicina, matriculados na instituição no período de 2015 a 2018. O estudo teve como desfecho o consumo de psicoestimulantes. Foram coletadas informações sobre o uso de cafeína, metilfenidato, piracetam, modafinil, bebidas energéticas, metilenedioximetanfetamina (ecstasy) e anfetaminas. O questionário foi composto de duas etapas. Na primeira, foram recolhidas informações demográficas, sobre hábitos e qualidade de vida. Na segunda, questionou-se sobre o consumo de substâncias estimulantes, abordando a frequência de uso, efeitos percebidos e a motivação para o consumo, assim como o início do consumo durante o curso.	Analisar a evolução do consumo de psicoestimulantes pelos acadêmicos de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) durante quatro anos.	O consumo de psicoestimulantes entre estudantes de medicina foi alto e o início de seu consumo durante a faculdade aumentou ao longo dos anos. Seu uso tem sido percebido como eficaz pela maioria dos usuários, o que pode dificultar o gerenciamento do uso indevido dessas substâncias.
2022	Bruna Rodrigues Nasário e Maria Paula P. Matos	Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina	O estudo adotou uma abordagem quantitativa e descritiva, envolvendo a participação de 243 estudantes de medicina matriculados entre o segundo e o oitavo semestre em uma universidade no sul de Santa Catarina. Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário estruturado, e as respostas foram analisadas por meio do software estatístico SPSS, versão 21.0.	O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre o uso não prescrito de metilfenidato e o desempenho acadêmico de estudantes de medicina de uma universidade do sul de Santa Catarina.	O estudo concluiu que o uso não prescrito de metilfenidato não resultou em aprimoramento cognitivo entre os estudantes de medicina avaliados. Participantes que nunca utilizaram o fármaco apresentaram desempenho acadêmico superior (média de 8,80) em comparação àqueles que usam (média de 7,92) ou já usaram (média de 8,01). Esses achados sugerem que, em indivíduos saudáveis, o metilfenidato pode estar mais relacionado a sensações de bem-estar do que a melhorias no desempenho cognitivo, tornando preocupante a exposição desnecessária aos seus efeitos adversos. O estudo ressalta a necessidade de implementar ações voltadas à promoção da saúde mental entre universitários.
2022	Natália Aparecida Amaral, Eliza Maria Tamashiro, Eloisa Helena Rubello Valler Celeri, Amilton dos Santos Junior, Paulo Dalgalarondo, Renata Cruz Soares de Azevedo	Precisamos falar sobre uso de Metilfenidato por estudantes de medicina - revisão da literatura	Revisão minuciosa da literatura publicada em inglês, espanhol e português, entre 2013 e 2019, com base em dados disponibilizados pelo PUBMED e SCIELO, utilizando palavras-chave nos três idiomas acima, ao longo das quatro etapas do processo de seleção. Resultados e Discussão Ao todo, foram encontrados 224 artigos, dos quais 25 foram selecionados após leitura, tratando do uso de MPH ou 'potencializador da cognição' por graduandos de medicina sem prescrição médica. A pesquisa indicou variabilidade significativa na frequência de consumo, relacionada ao padrão de uso investigado, uso com ou sem indicação, antes ou após a	Revisar a literatura sobre o uso de MPH sem indicação médica entre estudantes de medicina.	As altas taxas de uso do MPH por estudantes de medicina visando o aprimoramento cognitivo reforça a importância de ações preventivas nas escolas médicas. As estratégias devem considerar informações sobre os riscos do uso (do MPH) sem indicação médica; intervenções não farmacológicas para melhoria do desempenho cognitivo; medidas de higiene do sono; organização para atividades de estudo adequadas;

			entrada na Universidade e país onde o estudo foi realizado.		amplas discussões sobre aspectos éticos e estrutura curricular.
2023	Fabiana Souza Oliveira, Hadassa Franca Dutra e Gisele Aparecida Fófano	Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado	Foi realizado um estudo descritivo, quantitativo, com delineamento transversal entre os discentes do 1º ao 5º ano do curso de Medicina no 2º semestre de 2021. Os participantes responderam ao questionário semi-estruturado elaborado pelos autores. Os dados obtidos foram tabulados no software Statistical Product and Service Solutions.	Analisar o uso de psicoestimulantes por estudantes do curso de Medicina de um Centro Universitário privado em Minas Gerais.	É notável que existe uso abusivo de estimulantes cerebrais, sendo fundamental o trabalho em conjunto entre instituição de ensino e familiares, em prol da prevenção e do controle de danos causados por esse hábito.
2024	Joyce Emanuelle Moreira, Mariana Camile Las-Casas Rodrigues, Carlos Vinícius Teixeira Palhares, Thiago Henrique Caldeira de Oliveira, Gleisy Kelly Neves Gonçalves	Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance	We conducted an online cross-sectional study of 389 university students from various health-related fields. This study used a questionnaire to investigate the social and behavioral aspects associated with using psychostimulants	To evaluate psychostimulant drug use among academics in the health area of a higher education institution in Minas Gerais, Brazil.	Psychostimulant use in the study population revealed significant risks, including a lack of a valid diagnosis, unsupervised use, drug interactions, and side effects. Therefore, the data obtained in this study may contribute to the development of educational policies focused on preventing and controlling the indiscriminate use of these medications.
	Burak Onal, Melik Yigit Bayindir, Yasemin Begum Topkarcı, Aslihan Seyda Dogan, Burhaneddin Oktan, Oruc Yunusoglu	The Awareness of Methylphenidate and Its Use: Experiences and Perceptions of Medical Students	We conducted a survey involving 418 medical students (257 female, 161 male), covering addiction history, physician-recommended ADHD medication, sharing and recommending MP among peers, initial exposure to MP misuse information, reasons for non-prescription MP use, duration of misuse, perceptions of MP's addictive potential, and ethical views on MP use to help with exams.	Over the past decade, the use of psychostimulants typically prescribed for attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD), such as methylphenidate (MP), has become popular among undergraduate students to enhance their academic performance. Despite potential health and legal repercussions, the misuse of these medications has become a significant public health issue, not only in the general population but particularly among students in medical schools across Turkey. This study investigated the prevalence of MP misuse among Turkish medical students and the factors contributing to it.	While academic achievement appears to be the primary motivator for MP misuse, the effectiveness of this practice in non-ADHD students is uncertain. Implementing proactive measures is crucial to curb such misuse, particularly among medical students, to prevent a future global health concern.

Fonte: elaborado pelos autores, 2025.

4 DISCUSSÃO

4.1 Consumo de Substâncias

Júnior *et al.* (2021) descrevem uma tendência preocupante relacionada ao uso crescente de psicoestimulantes entre estudantes de medicina. Observa-se um aumento significativo no consumo de substâncias como o metilfenidato, geralmente utilizadas com a finalidade de melhorar o desempenho acadêmico. Esse comportamento é frequentemente impulsionado pela intensa pressão universitária, aliada à necessidade de concentração e retenção de informações durante longos períodos de estudo.

Embora o estudo tenha identificado possíveis benefícios a curto prazo associados ao uso dessas substâncias, foram encontradas evidências consistentes que apontam riscos significativos à saúde decorrentes do uso não supervisionado e contínuo desses fármacos. Tais riscos incluem a possibilidade de dependência, alterações no ritmo cardíaco, problemas cardiovasculares e distúrbios do sono. Além disso, destaca-se a escassez de conhecimento, por parte dos estudantes, sobre os efeitos adversos de longo prazo do uso de psicoestimulantes em indivíduos saudáveis, o que reforça a importância de intervenções educativas (JÚNIOR *et al.*, 2021).

Esta revisão também evidencia a ausência de políticas institucionais eficazes para a supervisão do uso de substâncias psicoativas por indivíduos sem indicação clínica. Tal lacuna reforça a necessidade de programas de prevenção e conscientização voltados ao público universitário. Iniciativas que promovam o bem-estar em saúde mental dos estudantes e orientem sobre estratégias saudáveis de enfrentamento da carga acadêmica mostram-se fundamentais para a mitigação desse problema (JÚNIOR *et al.*, 2021).

4.2 Metilfenidato

No estudo conduzido por NASÁRIO *et al.* (2022), a pesquisa sobre o uso não prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina revelou que 2,9% dos participantes relataram uso recente do fármaco, enquanto 17,3% afirmaram tê-lo utilizado em algum momento da vida. As principais justificativas apontadas pelos usuários foram o desejo de melhorar o desempenho cognitivo e a capacidade de permanecer acordado e focados por períodos prolongados, especialmente para fins acadêmicos.

Entretanto, os dados obtidos sugerem que o uso da substância com fins de aprimoramento cognitivo não se traduz em melhor rendimento acadêmico. Os estudantes que nunca haviam utilizado o metilfenidato apresentaram desempenho superior nas disciplinas cursadas, quando comparados àqueles que já haviam feito uso do medicamento. Esse achado levanta reflexões relevantes: os efeitos percebidos estariam relacionados a uma sensação subjetiva de produtividade, ou haveria de fato uma elevação objetiva das funções cognitivas? (NASÁRIO *et al.*, 2022).

Outro aspecto relevante identificado foi a forma de aquisição do medicamento. Muitos estudantes relataram obtê-lo por meio de amigos ou colegas de classe, evidenciando a facilidade de acesso mesmo sem prescrição médica. Além disso, uma parcela significativa afirmou ter conseguido o fármaco após consultas médicas, mesmo sem diagnóstico formal de TDAH ou narcolepsia. Essa prática levanta preocupações éticas sobre a medicalização indevida

e o papel dos profissionais de saúde na validação do uso não indicado da substância, pois a conduta médica não deve ser influenciada pelo desejo de seus pacientes (NASÁRIO *et al.*, 2022).

Tais evidências reforçam a necessidade urgente de intervenções voltadas à promoção da saúde mental entre estudantes de medicina. É fundamental a implementação de estratégias institucionais que incluam suporte psicológico contínuo, além de ações educativas que esclareçam os riscos do uso não supervisionado e prolongado de psicoestimulantes. A conscientização quanto aos danos potenciais do uso indiscriminado do metilfenidato é essencial para mitigar seus impactos negativos na saúde física e emocional dos discentes (NASÁRIO *et al.*, 2022).

4.3 Estudantes de Medicina

Conforme destacado por MOREIRA *et al.* (2024), os achados sobre o uso indevido de psicoestimulantes, em especial o metilfenidato, entre estudantes universitários de medicina levantam importantes preocupações de saúde pública. Um número expressivo de acadêmicos relatou utilizar essas substâncias com o objetivo de aprimorar seus estudos ou manter-se em estado de alerta durante períodos de alta exigência acadêmica, sem diagnóstico médico que justifique tal prática.

A pesquisa revelou que 75% dos participantes recorriam ao uso de psicoestimulantes com foco no autodesenvolvimento neurocognitivo, embora a maioria não possuísse prescrição médica. A aquisição irregular dos medicamentos, frequentemente realizada sem receita, evidencia falhas nos mecanismos de fiscalização e controle da comercialização dessas substâncias, pois estão sendo adquiridas sem a devido laudo do especialista (MOREIRA *et al.*, 2024).

Dentre os efeitos adversos mais relatados, destacam-se inapetência, taquicardia, agitação psicomotora, insônia e ansiedade. Tais sintomas foram experimentados por mais da metade dos usuários, revelando riscos significativos à saúde física e mental. Além disso, o uso concomitante com álcool e outras substâncias ilícitas, comum no ambiente universitário, pode potencializar os danos (MOREIRA *et al.*, 2024).

Outro ponto relevante diz respeito à percepção subjetiva de melhora no desempenho acadêmico, que não encontra respaldo em dados objetivos sobre o ganho cognitivo real. Os resultados sugerem que os efeitos percebidos estão mais relacionados a uma sensação transitória de bem-estar do que a melhorias mensuráveis no rendimento acadêmico, o que reforça o caráter arriscado e injustificado dessa prática (MOREIRA *et al.*, 2024).

4.4 Risco dos Efeitos Adversos

O uso não prescrito de psicoestimulantes, como o metilfenidato, entre estudantes de medicina tem se mostrado alarmante, especialmente entre os alunos do ciclo básico. No estudo de Oliveira *et al.*, (2023), verificou-se que 58,6% dos estudantes relataram uso de psicoestimulantes, com destaque para a cafeína (85%), energético (65,7%) e metilfenidato (60%). A prevalência foi maior entre estudantes do 2º ano, o que pode estar relacionado à pressão acadêmica e à carga horária extensa.

A principal motivação para o uso foi a busca por melhora no desempenho acadêmico (79,2%), com efeitos percebidos como melhora da concentração (97,1%), redução do sono (83,5%) e melhora no raciocínio (80,7%), segundo Oliveira *et al.*, 2023. Esses dados reforçam achados de outros autores como Zandoná *et al.* (2020) e Martins *et al.*, (2020), que também identificaram o uso acadêmico como fator predominante.

No entanto, os autores alertam para o risco de efeitos adversos como nervosismo, insônia, cefaleia, taquicardia e ansiedade, especialmente quando o uso ocorre sem acompanhamento médico (Oliveira *et al.*, 2023; Carneiro *et al.*, 2021). Além disso, mais da metade dos usuários de metilfenidato não consultaram profissionais de saúde, o que agrava o risco de automedicação e dependência (Oliveira *et al.*, 2023).

Outro dado preocupante é a associação entre uso de estimulantes e outras substâncias, como álcool (51%) e cigarro (24,9%). Essa combinação pode potencializar efeitos colaterais e aumentar o risco de comportamentos de risco, como apontado por Cesar *et al.* (2012) e Griffin *et al.* (2010). A mistura de metilfenidato com álcool, por exemplo, pode levar à falsa sensação de sobriedade, aumentando a chance de acidentes (Griffin *et al.*, 2010).

Em termos de qualidade de vida, observou-se que a maioria dos usuários de estimulantes apresentou sono de qualidade regular ou ruim e grande carga horária de estudo, o que pode influenciar diretamente na decisão de uso dessas substâncias (Oliveira *et al.*, 2023). A prática de atividade física por parte desses estudantes, porém, pode representar uma estratégia de compensação do estresse, como discutido por Ropke *et al.* (2018).

Dessa forma, os dados revelam que, embora os estudantes tenham ciência dos potenciais riscos, o uso de psicoestimulantes é banalizado e associado ao sucesso acadêmico, exigindo intervenções institucionais. Os autores recomendam estratégias educativas, apoio psicopedagógico e envolvimento familiar como formas essenciais de prevenção (Oliveira *et al.*, 2023; Silva *et al.*, 2021).

4.5 Metilfenidato e a melhora do desempenho

O uso ilícito de psicoestimulantes entre estudantes de medicina é uma prática crescente, impulsionada por pressões acadêmicas e influências sociais. ONAL *et al.* (2024) observaram que discentes em fases mais avançadas do curso apresentaram maior consciência e propensão ao uso da substância, muitas vezes iniciado durante o período de residência em casas estudantis, o que evidencia o papel do ambiente coletivo como fator de iniciação.

Segundo os autores, a principal motivação para o consumo está associada à tentativa de aprimorar o desempenho estudantil, especialmente em períodos de avaliações. Curiosamente, tanto usuários quanto não usuários reconheceram o potencial do fármaco, demonstrando certo grau de consciência quanto aos riscos. A influência dos pares foi o fator mais frequentemente citado como incentivo inicial para o uso sem prescrição (ONAL *et al.*, 2024).

O estudo também identificou diferenças entre os sexos: enquanto os homens demonstraram maior tendência à adição, as mulheres relataram uso mais frequente e regular. Os efeitos percebidos incluíram aumento da atenção, sensação de euforia, insônia e redução do apetite — sintomas já amplamente documentados na literatura (ONAL *et al.*, 2024).

Outro achado relevante refere-se à percepção ética do uso de metilfenidato. Estudantes que não identificavam problemas morais na utilização da substância com fins acadêmicos foram significativamente mais propensos ao consumo não prescrito. O acesso à medicação, em grande parte, ocorreu por meio de colegas, evidenciando a elevada taxa de desvio medicamentoso entre os próprios estudantes de medicina (ONAL *et al.*, 2024).

Embora muitos recorram ao metilfenidato como estratégia para potencializar o rendimento acadêmico, não há evidências científicas robustas de que o uso por indivíduos sem diagnóstico de TDAH proporciona ganhos reais de desempenho. Pelo contrário, os riscos associados aos efeitos adversos superam os possíveis benefícios (ONAL *et al.*, 2024).

Diante disso, torna-se urgente que as instituições de ensino superior desenvolvam estratégias educativas e políticas de prevenção voltadas à redução do uso indevido de psicoestimulantes. Além disso, é fundamental promover apoio psicológico contínuo aos estudantes, com foco na promoção da saúde mental e no enfrentamento saudável das demandas acadêmicas (ONAL *et al.*, 2024).

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que o uso não prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina é uma prática cada vez mais comum, muitas vezes motivada por pressões acadêmicas, exaustão emocional e pela busca por um desempenho que atenda às altas exigências impostas pelo

ambiente universitário. Embora alguns usuários relatam melhora temporária na concentração e produtividade, os riscos associados ao uso indiscriminado — como dependência, alterações cardiovasculares e prejuízos à saúde mental — são significativos e preocupantes.

Mais do que um comportamento isolado, esse padrão reflete uma cultura que valoriza excessivamente a produtividade e minimiza o sofrimento psíquico. O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica revela falhas estruturais no acolhimento ao estudante e na promoção de um ambiente saudável de aprendizagem.

Diante desse cenário, é imprescindível que as instituições de ensino superior se comprometam com a criação de espaços de escuta ativa, apoio emocional e promoção da saúde mental. A formação médica deve ir além do conteúdo técnico: ela precisa estimular o autoconhecimento, o respeito aos próprios limites e a construção de uma relação ética com o corpo, com o outro e com a profissão. Refletir sobre esse problema é um passo essencial para formar profissionais não apenas competentes, mas também conscientes e saudáveis, com um autoconhecimento que permite identificar seus limites.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, D. L. et al. Nonmedical use of d-Amphetamines and Methylphenidate in Medical Students. **Puerto Rico Health Sciences Journal**, v. 38, n. 3, p. 185–188, 2019.

AMARAL, N. A.; TAMASHIRO, E. M.; CELERI, E. H. R. V.; SANTOS JUNIOR, A. dos; DALGALARRONDO, P.; AZEVEDO, R. C. S. de. Precisamos falar sobre o uso de metilfenidato por estudantes de medicina: revisão da literatura. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 2, p. e060, 2022.

BEYER, C.; STAUNTON, C.; MOODLEY, K. The implications of methylphenidate use by healthy medical students and doctors in South Africa. **BMC Medical Ethics**, v. 15, p. 20, 2014.

CARNEIRO, N. B. R.; GOMES, D. A. S.; BORGES, L. L. Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina. **REAS/EJCH**, v. 13, n. 2, e5419, 2021. DOI: 10.25248/reas.e5419.2021.

CARNEIRO, S. G. et al. O uso não prescrito de metilfenidato entre acadêmicos de medicina. **Cadernos Uno: FOA Health and Biological Sciences**, v. 1, p. 53–59, 2013.

CESAR, E. L. R. et al. Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 39, n. 6, p. 183–188, 2012.

DAFNY, N. Does Methylphenidate (MPD) Have the Potential to Become Drug of Abuse? **Biochemistry & Pharmacology: Open Access**, v. 4, p. 1, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4172/2167-0501.1000156>. Acesso em: 27 maio 2025.

DE SOUZA, BC; DA SILVA. RECIFE:, AS **RESENHAS / RESENHAS DE LIVROS** . Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/5kVwh7fYXvHCHVVx4gGKZzC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

FINGER, G.; DA SILVA, E. R.; FALAVIGNA, A. Use of Methylphenidate among medical students: a systematic review. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 59, p. 285–289, 2013.

FRANCO NETTO, R. O. R. et al. Incidencia del uso no prescrito del Metilfenidato entre Estudiantes de Medicina. **Revista do Instituto de Medicina Tropical**, v. 13, n. 1, p. 16–22, 2018. DOI: 10.18004/imt/20181316-22.

GRIFFIN, W. C.; NOVAK, A. J.; MIDDAUGH, L. D.; PATRICK, K. S. The Interactive Effects of Methylphenidate and Ethanol on Ethanol Consumption and Locomotor Activity in Mice. **Pharmacology Biochemistry and Behavior**, v. 95, n. 3, p. 267–272, 2010. DOI: 10.1016/j.pbb.2010.01.009.

MARTINS, M. F.; VANONI, S.; CARLINI, V. Consumo de psicoestimulantes como potenciadores cognitivos por estudantes de Medicina de Universidad Nacional de Córdoba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nacional de Córdoba**, v. 77, n. 4, p. 254–260, 2020. DOI: 10.31053/1853.0605.v77.n4.28166.

MEZACASA JÚNIOR, R. C.; MENEGHINI, K. F. D.; DEMENECH, L. M.; MORGAN, H. L.; PETRY, A. F.; DUMITH, S. C. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: resultados de um estudo de painel. **Sci. Med. (Porto Alegre, Online)**, v. 31, n. 1, p. 38886, 2021.

MOREIRA, J. E. et al. Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance. **Einstein** (São Paulo, Brazil), v. 22, p. eAO0895, 2024.

NASÁRIO, B. R.; MATOS, M. P. P. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e235853, 2022.

NEWBURY-BIRCH, D.; WHITE, M.; KAMALI, F. Factors influencing alcohol and illicit drug use amongst medical students. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 59, n. 2, p. 125–130, 2000. DOI: 10.1016/S0376-8716(99)001088.

ONAL, B. et al. The awareness of methylphenidate and its use: Experiences and perceptions of medical students. **Cureus**, v. 16, n. 11, p. e74317, 2024.

OLIVEIRA, F. S.; DUTRA, H. F.; FÓFANO, G. A. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. **Revista Científica da Escola Estadual Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago**, v. 9, p. 9f7, 2023.

ROPK E, L. M. et al. Efeito da atividade física na qualidade do sono e qualidade de vida: revisão sistematizada. **Archives of Health Investigation**, v. 6, n. 12, 2018. DOI: 10.21270/archi.v6i12.2258.

SILVA, K. F.; ANDRADE, V. R. M. Análise do consumo de estimulantes cerebrais por estudantes da Região das Missões, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas**, v. 5, n. 1, p. 3–13, 2021. DOI: 10.31512/ricsb.v5i1.473.

SILVEIRA, R. R. et al. Patterns of nonmedical use of methylphenidate among 5th and 6th year students in a medical school in Southern Brazil. **Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, v. 36, n. 2, p. 101–106, 2014.

ZANDONÁ, I. et al. Uso de psicoestimulante por acadêmicos de medicina em instituição de ensino superior na Amazônia Ocidental. **REAS/EJCH**, n. 48, e3476, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e3476.2020>.